

A Experiência do pensar e a formação docente: uma investigação filosófica nas oficinas do pensar.

SARA ARRUDA DE OLIVEIRA¹; DANTE DINIZ BESSA²

¹Universidade Federal de Pelotas – sara.arrudaoliveira777@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– ddbessah@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma breve reflexão sobre o sentido da experiência do pensar na formação docente, desde a análise de uma ação de ensino denominada *investigação filosófica na educação*, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Experiência do Pensar na Escola (Gepepe) na área de fundamentos filosóficos da educação.

Para fundamentar a reflexão dialogamos com autores como Yves Schwartz (2000, 2008), que oferece um conceito de atividade humana como dramática do uso de si ou debate de normas em um meio de vida; Jorge Larrosa (2006), que problematiza as relações entre experiência, educação e linguagem; e Walter Kohan (2003), que sugere um conceito de experiência do pensar como encontro com o não pensado.

Kohan (2003) afirma que, na atualidade, “existe uma visível desvalorização generalizada do pensamento” (p.211), questionando-se sobre como lidar com a tensão entre uma realidade que desencoraja o pensar e os “discursos pedagógicos voltados a desenvolver o pensamento” (p.211). Então, ele propõe que o que está sendo cogitado por esses discursos é uma versão desvalorizada do pensamento, apontando que a incitação a educá-lo, conforme essa visão, o reduz a “uma imagem mansa, inofensiva para o estado de coisas dominantes” (p.211). Ele procura justificar que, apesar de toda essa incitação discursiva sobre a necessidade de educar o pensamento, o que acontece é “o esgotamento e a ausência do pensar” a partir daquilo que pode “transformar o que pensamos e o que somos” (p.211).

No contexto da formação docente, marcado por atividades rápidas de leitura e reflexão, próprias da lógica técnico-capitalista, percebeu-se necessária uma retomada voluntária da experiência do pensar. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma atividade de investigação filosófica realizada em Oficinas do Pensar com professores em formação inicial, compreendendo-a como acontecimento constitutivo da docência, que deve ser vivido e cultivado de forma atenta, sensível e humana. Para isso, analiso minha própria experiência em uma dessas atividades, que resultou na produção de um ensaio no qual, a partir da concepção de educação de Célestin Freinet (1896–1966), pude ensaiar minha própria concepção de educação.

2. METODOLOGIA

A reflexão sobre a experiência do pensar, aqui apresentada, foi realizada através da discussão e abordagem do tema por meio de revisão bibliográfica, conforme Barros e Lehfeld (1986). Essa revisão consistiu na leitura e resumo dos textos acadêmicos que foram base para a investigação filosófica no contexto das

oficinas do pensar, as quais resultaram em uma dissertação reflexiva sobre uma situação de trabalho no cotidiano escolar e em um ensaio elaborado a partir da biobibliografia de um educador importante na história da pedagogia. Como orientação metodológica mais ampla, a investigação filosófica foi experienciada por meio de oficinas, nas quais utilizamos o dispositivo dinâmico a três pólos de Yves Schwartz (2000), que articula as relações entre trabalho, atividade, saberes constituídos e saberes da experiência. Essa proposta metodológica contempla três polos da atividade investigativa: o primeiro dá conta dos conceitos já elaborados sobre o tema e comporta recursos para o conhecimento, neste caso o conceito de educação de um ponto de vista da filosofia da educação e da pedagogia; o segundo pólo é o das *forças de convocação e de reconvocação*, onde os protagonistas (professores em formação inicial) confrontam os saberes gerados nas oficinas com os saberes conceituais; o terceiro e último polo diz respeito às *exigências éticas e epistemológicas*, onde situam-se os valores compartilhados entre os dois primeiros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As *oficinas do pensar* desenvolvidas no Gepepe são momentos de encontro entre professores do ensino superior, professores em formação inicial e continuada e alunos da educação básica da rede pública de Pelotas, que acontecem em concomitância e possuem como objetivo a própria *experiência do pensar* como investigação filosófica na educação.

No processo investigativo filosófico, nos apropriamos do conceito de matéria estrangeira de Canguilhem (1966), a partir da releitura do professor e filósofo Yves Schwartz (2008), segundo a qual a prática da filosofia exige a aprendizagem de uma matéria exterior a ela. Alinhados a essa perspectiva, nas oficinas a educação é tomada como essa matéria estrangeira, a partir da qual procuramos pensar em direção à criação de conceitos. Em outras palavras, abordamos a educação como território para pensarmos a partir dela mesma, de dentro dela, enquanto professores em formação que se abrem à experiência educacional, articulando os saberes formais da profissão aos saberes de vida no trabalho.

Outro conceito importante nas oficinas é o de atividade humana como dramática do uso de si ou debate de normas. Schwartz (2008) propõe pensar a atividade humana em situação de trabalho, onde um *corpo-si* – *ser biológico, histórico*, constituído de singularidades e experiências subjetivas– atua com essas normas de vida em relação às normas sociais, como os protocolos, a pesquisa científica, a formação, a experiência socio-histórica. É nesse encontro entre normas de vida e normas sociais que acontece a experiência do pensar.

A *experiência*, conforme provocada nas oficinas, é entendida a partir da perspectiva de Jorge Larrosa (2006), que a significa como um processo em aberto que não carece de conceituação formal, assim como o é a vida, a existência. Para ele, em educação, a experiência não deve ser vista pela ótica determinista ou positivista, tampouco deve ser entendida como experimento ou dogma. O pensador espanhol diz que a experiência acontece, simplesmente porque somos e estamos passiva e ativamente na existência, abertos para sermos afetados por algo ou alguém.

Dessa maneira, o sentido que Larrosa dá à *experiência* encontra-se com o *pensar* na perspectiva de Walter Omar Kohan (2003), o qual problematiza a relação conflituosa entre os discursos educacionais na contemporaneidade que

ênfatizam a necessidade de se “educar o pensamento”, mas ao mesmo tempo acabam esvaziando a própria experiência do *pensar*. Ele reflete sobre a necessidade de dar centralidade ao *pensar* no processo formativo e retoma a ideia de Gilles Deleuze, para quem pensar é “fazer um corte no caos, mas ao mesmo tempo se abrigar contra ele” (Deleuze *apud* Badiou *apud* Kohan, 1996, p.96). Kohan evoca também Martin Heidegger, para quem o “pensar é um território que pode ser habitado por meio, apenas, do nosso próprio pensar” (Deleuze *apud* Badiou *apud* Kohan, 2003, p.213-214). Ou seja, para Deleuze, o pensamento é criação de ordem conceitual para se proteger contra esse caos. Enquanto que, para Heidegger, o pensar é algo íntimo que pode acontecer apenas em/no próprio pensar. Kohan (2003) conclui que o pensar exige atenção, presença, é por excelência o momento de criação; que “o pensar é um acontecimento imprevisível” (p.232), que acontece a partir de um signo, que não pode ser o próprio pensar.

Logo, a *experiência do pensar* em nossas oficinas não cabe em forma nem em fórmula, pois é encontro em espaço de abertura e partilha, um acontecimento enquanto momento para criação a partir de signos. Por essa razão, a atividade de investigação filosófica consiste no pensar a partir da leitura de biobibliografias de educadores, mais especificamente a partir de suas concepções de educação. A concepção de educação que escolhi estudar foi a do educador francês Célestin Freinet (1896-1966).

Para pensar o que era a educação para Freinet, conheci um pouco sobre a sua vida, que estava alinhada ao seu fazer educacional. Da biobibliografia que li, escrita pelo pedagogo francês Louis Legrand, percebi que a interação entre as vivências pessoais, sociais, políticas e educacionais de Freinet fizeram-no perceber a pedagogia como uma atividade concreta, vivenciada como *técnicas de vida*, segundo suas próprias palavras, “a serviço da libertação dos homens” (Legrand, 2010), manifestando assim sua concepção de educação popular, ligada ao trabalho como atividade humana que deve ser partilhada em ambiente de cooperação.

Durante o processo de *conhecimento sobre a vida e a concepção de educação* de Célestin Freinet, percebi ser intrínseco ao processo de formação docente a investigação de concepções que subjazem ao nosso pensamento. A partir do contato com as ideias desse educador, pude então ensaiar a minha própria concepção de educação.

No processo de pensar investigando filosoficamente o que eu entendo por educação, retomei algumas das minhas memórias de infância na escola, o papel que ela desempenhou na minha vida; pensei como professora que já esteve em sala de aula, para compreender um pouco como se encontra a nossa educação; pensei se da pedagogia de Freinet eu poderia tentar algo novo na minha prática educativa e se na minha educação havia resquícios da pedagogia de Freinet; eu pensei sobre como o mundo está cada vez mais dividido; pensei sobre como descobri as divisões, as classes e grupos, hierarquias; lembrei que a escola foi o ambiente onde eu aprendi a pensar e a ver diferente; lembrei que ainda somos humanos e temos direito ao acesso à educação, e além disso, direito a uma formação integral que nos impulse a olhar a vida a partir de onde estamos e nos dê condições de mudá-la individual e coletivamente; e pensando, concordei com ideia de aprendizagem contextualizada, técnicas de vida e o tateamento experimental de Freinet, que são recursos pedagógicos próximos à natureza humana.

Através desses e tantos outros pensamentos, compreendi que minha concepção de educação é baseada na realidade das situações que aconteceram em minha vida, é o conjunto do meu processo educativo e de vida: ela é um processo em aberto, é humana, está sujeita a minha observação e vivência com aqueles com quem entrarei em contato no processo de formação mútua. Compreendi que minha concepção de educação não é: excludente, fechada, segregacionista, descomprometida com a transformação social, alheia à dor e ao sofrimento do outro, sem espírito/consciência e realidade. Então a concebi como *educação real mútua*.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa está em andamento, mas diante dos conceitos que conhecemos, da metodologia e da experiência do pensar nas oficinas, concluímos que tal atividade de investigação filosófica é profícua: primeiro para o autoconhecimento do professor em formação, que durante a experiência de pensar a partir de um signo, investiga a si mesmo, tensionando suas experiências subjetivas com os saberes formais da profissão; segundo, para a criação de novos conceitos, uma vez que da articulação entre os saberes formais e os saberes da experiência de vida e trabalho dos participantes em atividade, surgem novas combinações de ideias que culminam em novos conceitos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KOHAN, Walter Omar. Infância de um pensar. In: KOHAN, Walter Omar. Infância: entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 207-235.
- LAROSSA, Jorge. A experiência e suas linguagens In: LAROSSA, Jorge. Tremores. Escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 35-56.
- LEGRAND, Louis. *Célestin Freinet* / Louis Legrand; tradução e organização: José Gabriel Perissé.– Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- SCHWARTZ, Yves. O trabalho em uma perspectiva filosófica. In: IZUKI, N. (Org.) Educação e Trabalho: trabalhar, aprender, saber. Campinas: Mercado de Letras; Cuiabá, Editora da UFMT, 2008. p. 23-46.
- SCHWARTZ, Yves. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, n. 7, p. 126-149, jul/dez - 2000.